

## NO PALCO, A VERSATILIDADE E A CORAGEM DE MAURICE VANEAU\*

Sábato Magaldi

Quem acompanha a trajetória e a inquietação intelectual de Maurice Vaneau não se surpreende com esse **Para Governador**, em cartaz até domingo, no Teatro Maria Della Costa. Encenador de alguns espetáculos históricos do palco brasileiro, cenógrafo, figurinista, homem de dança, Vaneau dispõe daquela versatilidade que torna estimulante tudo o que realiza.

Como Vaneau se afastou, certo tempo, das atividades estritamente teatrais, vale a pena recapitular alguns momentos de sua ponderável contribuição. Talvez nem todos se lembrem que Vaneau pisou pela primeira vez em nosso solo como diretor de **Barrabás**, de Ghelderode, que obteve o maior êxito na temporada do Teatro Nacional da Bélgica entre nós, em 1955. O espetáculo entusiasmou todo o mundo, de tal maneira, que o empresário Franco Zampari fez questão de contratá-lo para os quadros do Teatro Brasileiro de Comédia.

Duas montagens de Vaneau ficaram particularmente populares no TBC: **A Casa de Chá do Luar de Agosto**, sua estreia brasileira, e mais tarde **Os Ossos do Barão**, de Jorge Andrade. No Teatro Cacilda Becker, ele encenou **Quem Tem Medo de Virgínia Woolf?**, outro acontecimento marcante. De volta à Bélgica, seu país de origem, embora já naturalizado brasileiro, Vaneau teve sucesso, entre outros espetáculos, com o **Auto da Compadecida**, de Ariano Suassuna.

Terminando o estágio de Célia Gouvêa, mulher de Vaneau, no Mudra, criado por Maurice Béjart em Bruxelas, o casal retornou a São Paulo. Além de atividades administrativas, desenvolvidas aqui e em Salvador, Vaneau se ocupou mais, nos últimos anos, com as criações no campo da dança, onde fazia também solos. E a improvisação o animou a lançar esse **Marice Vaneau para Governador**.

O TMDC, pelas suas características, não é certamente a sala mais adequada para o **one-man-show** de Vaneau. Mas, dono dos segredos do teatro, ele não se atrapalha: usa uma passarela erguida no proscênio e dialoga com o público, nos corredores de acesso às poltronas. Nunca se interrompe a comunicabilidade do desempenho.

Se tanta gente não se candidata a governador, por que também não ele? – pergunta Vaneau, como ponto de partida de sua sátira política. O espetáculo, porém, não se limita, aproveitando as brechas da abertura, a comentar a atualidade do País. Vaneau brinca com os próprios problemas da dança e aplica a sua verve um pouco por toda parte.

Está-se a ver que o gênero é bem o do cabaré-teatro, em que tudo se mistura. As tônicas acham-se no humor e no grotesco, explorados em várias dimensões. Com uma simples observação ou um gesto, Vaneau leva a plateia ao riso aberto. Sua figura já desperta a comicidade típica dos histriões populares: malha de bailarina, tutu, sapatilhas de ponta e uma cabeleira loura, acentuando a estranheza da composição.

\* In: **Jornal da Tarde**, São Paulo, p [?] – 19 jul. 1981. Caderno Divirta-se.

Vaneau segue um roteiro, que a cada momento acolhe uma improvisação. Imigrantes de nome hoje ilustre vieram da Europa a nado e aqui se enriqueceram. Ele veio para o Brasil em boa situação financeira, mas, se decidisse voltar, só poderia ser a nado... Com ironia ferina, Vaneau traça o panorama de sua vida brasileira, inclusive de seu relacionamento com o poder público. Quanto ao roteiro, creio que ele ganharia se aprofundasse mais as vicissitudes de um candidato a governador. Como se processaria, no nosso sistema eleitoral, a própria luta para ser candidato. Por outro lado, está um pouco longe a parte relativa ao Imposto Sobre Serviços, de interesse mais limitado para o espectador.

É corajoso Vaneau enfrentar pela primeira vez o público brasileiro, como ator, fundindo o gênero do cabaré literário com o tipo de crítica política a que se aventurou. Essa audácia prova, mais uma vez, a sua integridade e a sua coerência, não desmentidas nas piores fases do nosso passado recente. São essas outras virtudes que estão a merecer o amplo apoio do público.